



# Pôquer naval no Estreito de Ormuz

Trump coloca em vigor bloqueio marítimo ao Irã, que ameaça responder a novos ataques. Nos bastidores, diplomatas dos dois lados e mediadores buscam preservar cessar-fogo e reabrir negociações

» SILVIO QUEIROZ

Washington e Teerã seguiram, ontem, o tiroteio verbal iniciado no domingo, com o fracasso das negociações mantidas na capital do Paquistão, Islamabad, para formalizar um cessar-fogo e abrir caminho a uma solução diplomática para o conflito iniciado em 28 de fevereiro — com um bombardeio maciço dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã. O presidente Donald Trump renovou a ameaça de “eliminar” qualquer navio iraniano que tente forçar passagem pelo Estreito de Ormuz, enquanto o lado oposto advertiu que, caso se veja impedido de navegar, “nenhum porto do Golfo Pérsico estará a salvo”.

À margem das declarações agressivas de parte a parte, o governo paquistanês, que hospedou o diálogo de mais alto nível entre os arquirrivals desde a Revolução Islâmica de 1979, trabalhava nos bastidores para manter de pé o cessar-fogo de 15 dias que completa hoje uma semana. O chanceler Ishaq Dar ouviu do colega chinês, Wang Yi, que evitar a retomada dos ataques entre Irã e EUA — com a participação de Israel em apoio a Trump, e de aliados regionais em reforço a Teerã — “é prioridade absoluta”. Embora sem participação pública e direta no processo, o regime comunista de Pequim é visto como artífice da aproximação tentada pelo premiê Shehbaz Sharif na última semana.

## Oportunidade e riscos

É semelhante a análise feita pelo professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, em entrevista ao **Correio**. “Não acredito que seja do interesse do governo Trump, nem do governo iraniano, retomar o conflito no momento”, pondera. “O cessar-fogo não está esgotado: está meio que sendo respeitado e desrespeitado, ao mesmo tempo.” O estudioso vê riscos para o processo na interação tensa entre as forças navais dos dois lados, tanto mais em uma via marítima onde as distâncias entre embarcações são reduzidas e as rotas

Aamir Qureshi/AFP



Painel em Islamabad anuncia as negociações de paz fracassadas entre EUA e Irã: Paquistão insiste em manter o diálogo

de navegação, limitadas. “Isso pode levar a um enfrentamento, principalmente se houver ataque a algum navio norte-americano. Aí, o presidente Trump vai ter a desculpa necessária para voltar à guerra — coisa que a sua base política não quer”.

Quando confirmou a entrada em vigor do bloqueio aos portos iranianos, o presidente norte-americano fez menção ao dispositivo aeronaval implantado no Mar do Caribe, no ano passado, sob o pretexto de fechar passagem ao tráfico de drogas para os EUA a partir da Venezuela. Dezenas de embarcações foram atacadas e afundadas, com saldo de mais de 100 mortes. Paralelamente, no entanto, insistiu na versão de que tem sido procurado pelo Irã para discutir uma solução negociada ao impasse.

“Recebemos uma ligação da outra parte. Eles gostariam de chegar a um acordo. Com muita urgência”, disse aos jornalistas à saída do Salão Oval, sem identificar os interlocutores.

Pelo lado de Teerã, a operação naval anunciada pelos EUA foi classificada como uma manobra “ilegal” e um “ato de pirataria”, com a promessa de represálias indiretas — contra navios, portos e instalações de países aliados a Washington. No entanto, o chanceler Abbas Araghchi falou por telefone com o colega da Arábia Saudita, o príncipe Faisal bin Farhan, para culpar Trump pelo fracasso das conversações em Islamabad. “Infelizmente, vimos que a parte americana continuou apresentando exigências excessivas, o que impediu que se

alcançasse resultado”, disse, segundo relato do ministério.

## Dedo de Pequim

O professor da ESPM corrobora a análise de diferentes fontes que veem, por trás da movimentação paquistanesa, a manipulação sutil da diplomacia chinesa, empenhada em conter navios, portos e instalações de países aliados a Washington — elas voltaram a romper a barreira dos US\$ 100 por barril, ontem, na reabertura dos mercados. “A China é hoje a maior parceira econômica e política do Irã, e uma grande parceira política e militar do Paquistão”, observa. “Essas iniciativas paquistanesas não foram independentes da China, por mais que estivessem envolvidas a

Arábia Saudita e a Turquia.” O estudioso acredita que foi por pressão de Pequim que o regime islâmico “a contragosto, acabou aceitando o cessar-fogo”.

Gunther Rudzit considera temerário colocar um horizonte visível para um acordo que encerre oficialmente o conflito. “Não podemos esquecer que a guerra é a continuação da política por outros meios”, diz. “Essa situação por outros meios”, ensinou (Carl von) Clausewitz”, lembra, invocando o célebre general prussiano do século 19, autor do clássico *Sobre a guerra*. “Portanto, quais são os objetivos políticos do presidente Trump? Já eram um tanto nebulosos no início, e continuam nebulosos”, diz. “Essa situação em que estamos hoje, de não ter guerra nem um cessar-fogo assinado, pode continuar por um bom tempo.”

## Libano e Israel à mesa

Em meio a bombardeios e combates incessantes na frente secundária da guerra no Oriente Médio, emissários de Israel e do governo de Beirute devem reunir-se hoje, em Washington, para negociações diretas destinadas a suspender as hostilidades no Líbano, ao menos temporariamente. O obstáculo a algum progresso diplomático está na ausência, à mesa, do pivô do conflito: desarmar ou “neutralizar” o movimento xiita pró-iraniano Hezbollah é o objetivo do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, na ofensiva que lançou no início de março contra o país vizinho, inclusive com a incursão de tropas por terra.

O novo líder da milícia xiita, o xeque Naim Qassem, defendeu ontem o cancelamento do encontro e censurou a participação do governo libanês, no qual o Hezbollah tem participação. “Rejeitamos as negociações com a entidade israelense elas significam submissão e capitulação”, discursou o secretário-geral para centenas de militantes e simpatizantes que se manifestavam em Beirute.

O premiê Nawaf Salam aceitou a proposta norte-americana para o diálogo com o objetivo inicial de obter um cessar-fogo entre Israel e o Hezbollah, que seguem se enfrentando à margem da trégua — em vigor, embora frágil — entre EUA e Irã. Netanyahu, porém, orientou seus representantes a nem sequer discutir o tema em Washington, e a insistir na exigência de um “acordo de paz completo e duradouro” com o Líbano, baseado no desarmamento do movimento xiita e “capaz de durar por muitas gerações”.

Seis semanas de ataques aéreos, duelos de drones e foguetes e combates diretos entre tropas deixaram mais de 2 mil libaneses mortos e 1,2 milhão de moradores deslocados — o número equivale a um entre cinco habitantes do país. Israel registra baixas militares e danos causados em localidades fronteiriças.

## O papa confronta Trump

Donald Trump viu-se ontem obrigado a apagar de sua plataforma social, a Truth Social, uma imagem gerada por inteligência artificial na qual representava a si mesmo em uma cena inspirada em relatos dos *Evangelhos* sobre curas praticadas por Jesus. A controvérsia se estabeleceu em meio a uma discussão pública entre o presidente dos Estados Unidos e o papa Leão XIV em torno da guerra no Oriente Médio. Trump rebateu as críticas do pontífice a sua ameaça de “exterminar a civilização” iraniana e classificou-o como “fraco”. Em resposta, o chefe da Igreja Católica afirmou que “não tem medo” do compatriota. Em nota, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) exaltou a fidelidade do papa “aos valores evangélicos”, embora sem mencionar o chefe da Casa Branca.

Em suas publicações, o presidente norte-americano respondia a Leão XIV, que classificara como “inaceitável” seu ultimato apocalíptico ao Irã. Sugeriu que o cardeal norte-americano foi eleito em conclave para suceder Francisco “porque é dos EUA e (os cardeais) achavam que seria a

melhor escolha para lidarem com o presidente Donald J. Trump”. Acusou-o de ser “fraco contra o crime e terrível em política externa”, e arrematou: “Se eu não estivesse na Casa Branca, ele não estaria no Vaticano”.

Depois de mencionar também os questionamentos do Vaticano à invasão da Venezuela, em janeiro, e à captura do presidente Nicolás Maduro, Trump atacou mais diretamente as posições assumidas pelo pontífice sobre a guerra no Oriente Médio. “Eu não quero um papa que ache normal o Irã ter armas nucleares. Não quero um papa que ache terrível termos atacado a Venezuela. Não quero um papa que critique o presidente dos EUA”, escreveu em sua rede social.

“Não tenho medo do governo Trump, nem de propagar, alto e em bom som, a mensagem do Evangelho, que é a razão pela qual, acredito, estamos aqui eu e a Igreja”, rebateu o papa norte-americano. “Não sou um político e não tenho a intenção de entrar em um debate com ele”, insistiu, em conversa com jornalistas a bordo do avião papal, a caminho da Argélia. “A mensagem continua sendo a

Reprodução / Truth Social



Trump postou nas redes (e depois retirou) imagem em que se compara a Jesus

mesma: promover a paz”, arrematou.

O bate-boca virtual rendeu ao presidente dos EUA duras críticas de uma aliada natural, a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni. Chefe do governo em um país de maioria católica, que abriga a Santa Sé, a política de extrema-direita censurou Trump pelo ataque ao pontífice. “O papa é o chefe da Igreja, portanto é natural que faça apelos à paz e condene toda forma de guerra”, disse Meloni, em comunicado. Criticada pela oposição de esquerda pela demora em reagir, a premiê ouviu reparos inclusive de um parceiro na coalizão de governo, Matteo Salvini, líder da Liga (direita populista). “Atacar o papa não me parece uma coisa muito inteligente”, observou.

## Polêmica na rede

A imagem publicada na Truth Social mostrava Trump com uma túnica branca e um manto vermelho, tocando a testa de um homem que parecia doente e irradiando luz sobre sua cabeça. Uma bandeira americana aparecia ao fundo, entre

águas e soldados no céu, além da Estátua da Liberdade e de várias pessoas que olhavam para o presidente com reverência. A ilustração foi postada na noite de domingo e retirada ontem. O presidente norte-americano, porém, negou que estivesse se comparando a Jesus: “Sim, publiquei, e pensei que era eu como médico e que tinha a ver com a Cruz Vermelha”, disse a jornalistas.

Mesmo entre os aliados cristãos conservadores nos EUA, muitos desligados ao movimento *Maga* (“Make America Great Again”, ou “Faça os EUA grandes novamente”), o presidente foi objeto de críticas e chamadas insistentes por uma retratação. “Não sei se ele achou que estava sendo engraçado ou se estava sob a influência de alguma substância, ou que possível explicação poderia ter para essa blasfêmia escandalosa”, escreveu na rede X a jornalista e comentarista conservadora Megan Basham. “Ele tem que retirar isso imediatamente e pedir perdão ao povo americano e depois a Deus.”